

UMA PESSOA
DA FAMÍLIA
VALQUÍRIA

blimunda

75

MENSAL AGOSTO 2018 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

LIVROS

Editorial 5

Aquilo que Saramago não disse

Leituras 6

Sara Figueiredo Costa

Estante 14

Andreia Brites e Sara Figueiredo Costa

**Dez livros com
o mar ao pé 20**

Sara Figueiredo Costa

**Valquíria
Prates 37**

Andreia Brites

And The winner Is... 53

Andreia Brites

Espelho Meu 54

Andreia Brites

Saramaguiana

uma pessoa da família 57

José Saramago

Agenda 64

Epígrafe 68

blimunda n.º 75 agosto 2018

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation

Casa dos Bicos



Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb Mon to Sat
10-18h 10 am to 6 pm

Aquilo que José Saramago não disse

José Saramago é dono de uma vasta obra que inclui romances, peças de teatro, crónicas, poesia, contos, diários, ensaios, um livro de viagens e outro de memórias. No entanto, recorrentemente circula na «página infinita da Internet», como o próprio escritor dizia, supostas frases e pensamentos que jamais escreveu ou afirmou.

A Fundação José Saramago tenta, na medida das suas possibilidades, desmentir a autoria desses textos apócrifos, mas a velocidade com que eles se disseminam, são traduzidos para outros idiomas e ressurgem pelos mais diversos motivos dificulta muito a tarefa. Talvez o mais «famoso» desses escritos apócrifos de José Saramago seja um texto intitulado «Definição de filho» que há anos circula pelas redes sociais. Nos últimos meses, a esse já clássico não-escrito de José Saramago juntou-se outro pensamento falsamente atribuído ao escritor. Trata-se de um texto sobre o «fascismo do futuro», que também já foi traduzido para outros idiomas e partilhado por personalidades públicas.

Embora não tenha escrito ou dito o que circula pela internet como sendo de sua autoria, José Saramago refletiu diversas vezes sobre as ameaças à democracia. Em 2009 escreveu um artigo publicado no *El País*, cujo título era *A coisa Berlusconi*, onde dizia: «(...) este é o caminho da ruína para onde estão a ser levados por arrastamento os valores que liberdade e dignidade impregnaram a música de Verdi e a acção política de Garibaldi, esses que fizeram da Itália do século XIX, durante a luta pela unificação, um guia espiritual da Europa e dos europeus. É isso que a coisa Berlusconi quer lançar para o caixote do lixo da História. Vão os italianos permiti-lo?» Também na mesma altura José Saramago disse, numa entrevista, que não tinha dúvidas de que Berlusconi queria implementar o fascismo na Itália, e completou: «Não é um fascismo como o dos anos 30, feito de gestos ridículos como levantar o braço, mas tem outros gestos tão ridículos. Não será um fascismo de camisas negras mas de gravata Armani», afirmou.

leituras do mês

SARA FIGUEIREDO COSTA

A instituição TSL

«Todos, quiero pensar, somos lectores fieles de lo que nos interesa, y a todos nos compensa comprar el semanario».

O *Times Literary Supplement* chega às seis mil edições publicadas, tendo conseguido a recente proeza de aumentar o número de páginas da edição semanal impressa sem sucumbir à tão falada crise da imprensa. No *Babelia*, do *El País*, Vicente Molina Foix traça-lhe o percurso, que começou em 1902, destacando a característica que, durante sete décadas, alimentou debates e cartas inflamadas: o anonimato dos seus críticos. «El anonimato legendario del pronto conocido por sus allegados como *TLS*, lejos de ser siempre frustrante, iba a convertirse en un alimento de las suspicacias, malhumores y adivinaciones malévolas, sin las que, seamos francos, los cuerpos auxiliares de la literatura tendrían menos pegada. Disfrutada por los lectores neutrales y poco cotillas pero odiada por las víctimas de críticas devastadoras e innominadas, esa política editorial cambió en 1974, cuando el suplemento, bajo la dirección de John Gross, decidió consignar el nombre de sus colaboradores y añadir al final de cada número un perfil profesional en dos o tres líneas de los firmantes. Así surgió la parte escondida de una labor colectiva que causaría asombros y confirmaba secretos a media voz.» O suplemento do *Times*, entretanto vendido em banca de modo autónomo, mantém os seus princípios editoriais basilares, aliando a qualidade das colaborações à diversidade de temas que, segundo Molina Foix, podem ser a razão de uma publicação cultural semanal continuar a existir em formato impresso ao fim de mais de um século: «Todos los viernes el *TLS* publica

una buena cantidad de reseñas y comentarios que a mí, que lo sigo desde hace varios lustros, no me hacen detener la mirada más allá del titular: horticultura (siguiendo la tradición pastoral tan británica), economía, heráldica, novela gráfica (una servidumbre ya obligada hasta en las mejores casas) y, antes de que se pusiera de moda, la glosa gastronómica. Pero 32 páginas dan para mucho, y estoy seguro de que esas materias que a mí y a tantos otros nos causan inapetencia serán devoradas con fruición por las personas que, a su vez, encuentran aburrida la poesía contemporánea, la última ficción coreana o la ópera. Todos, quiero pensar, somos lectores fieles de lo que nos interesa, y a todos nos compensa comprar el semanario, otra de cuyas virtudes ha sido consolidar la atención prestada al cine, que cuenta con extensas críticas de películas de estreno firmadas por el magnífico novelista Adam Mars-Jones.» [→](#)

Heranças e identidades

«Essa investigação surgiu de uma curiosidade pessoal em entender os vários significados que se escondem por trás da palavra "identidade", termo que pode ser entendido como uma projeção construída e sutilmente maleável, e até mesmo como uma permanente arena de disputas entre diversos atores que frequentam o bairro.»

Indivisível é uma narrativa em banda desenhada que tem como cenário e tema o bairro da Liberdade, em São Paulo. A sua autora, Marília Marz, criou-o como trabalho final do curso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, utilizando a linguagem da banda desenhada





como modo de apresentar os resultados da sua pesquisa e de uma reflexão sobre as muitas histórias que se cruzam neste espaço urbanístico, com destaque para a herança negra e para a mais recente presença de uma comunidade oriental que acaba por definir parte da identidade do lugar. Como se lê no site *Arch Daily*, «as narrativas escolhidas, associadas às culturas negra e oriental, sobretudo japonesa, buscam contribuir para o entendimento do processo de construção da identidade do bairro. Essa investigação surgiu de uma curiosidade pessoal em entender os vários significados que se escondem por trás da palavra “identidade”, termo que pode ser entendido como uma projeção construída e sutilmente maleável, e até mesmo como uma permanente arena de disputas entre diversos atores que frequentam o bairro. Ao caminharmos pela Liberdade, enxergamos facilmente elementos urbanísticos e até mesmo cenográficos que podem ser entendidos como uma referência à arquitetura e à cultura japonesa, no entanto, existe lá uma outra arquitetura que remonta à história de uma Liberdade que existiu muito antes da chegada dos imigrantes orientais. Acessar a memória desse bairro para estudá-lo no passado e no presente, através da arquitetura e da cultura oral, é fundamental para melhor compreendermos o processo de construção do bairro e, por consequência, da cidade de São Paulo.» Indivisível pode ser lido na íntegra no site *Arch Daily*. ➔

Manguel pela legalização do aborto

«la cuestión tiene un trasfondo cultural muy antiguo. Desde muy temprano, el hombre no admite que la mujer sea dueña de su propio cuerpo; el hombre quiere controlarlo.»

No início deste mês, o Senado da Argentina discutiu e votou uma lei que previa a legalização da interrupção voluntária da gravidez. Todos os anos, cerca de 66 mil mulheres são internadas em hospitais argentinos na sequência de complicações provocadas por abortos clandestinos, realizados sem condições sanitárias e tantas vezes por pessoas sem formação profissional. De acordo com os registos oficiais, quatro dezenas de mulheres morrem anualmente em consequência destas complicações, mas o número real é impossível de aferir. O Senado reprovou a lei, mas a discussão continua acesa na sociedade civil e a campanha irá continuar, na tentativa de uma nova votação.

Alberto Manguel, escritor e actual director da Biblioteca Nacional argentina, juntou-se às muitas vozes que defenderam publicamente a legalização da interrupção voluntária da gravidez, com uma carta que o jornal *Clarín* publicou na íntegra e que aqui reproduzimos:

«Los argumentos en favor de la legalización del aborto son éticos y también materiales. Desde el punto de vista ético, para que todos los seres humanos compartan los mismos derechos, una mujer debe tener el derecho de decidir qué hacer con su cuerpo, como lo hace un hombre con el suyo: la ley 26.130 otorga el derecho a la realización de la vasectomía a todo hombre capaz mayor a 21 años.

Desde el punto de vista material, si el aborto no es legal, una mujer que quiera o necesite abortar corre un riesgo de muerte, sometiéndose a procedimientos clandestinos.

Pero la cuestión tiene un trasfondo cultural muy antiguo. Desde muy temprano, el hombre no admite que la mujer sea dueña de su propio cuerpo; el hombre quiere controlarlo. La fantasía patriarcal de crear vida sin la mujer se remonta por lo menos al libro de Génesis, y es retomado luego en los mitos del Golem, del homúnculo de los alquimistas, y del monstruo de Frankenstein. Quienes se oponen al aborto legal, alimentan esta fantasía del poder patriarcal absoluto. Y ésta no es una razón menor para defender el derecho al aborto legal.»





A linguagem dos números

«En el caso de los inmigrantes, cuando su tasa (medida por 1.000 habitantes) sube en un punto, el PIB per cápita mejora en los cuatro años siguientes, llegando a una subida del 0,32% en el segundo año tras la llegada. Los efectos también son positivos en el ingreso de impuestos y, aunque más modestos, en la reducción del paro.»

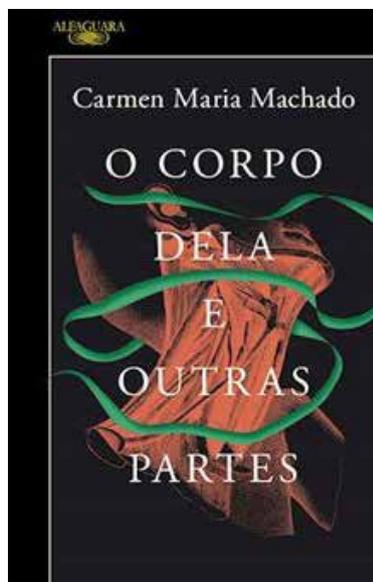
O humanismo que talvez ainda tenhamos de reserva algures não exigiria qualquer argumento mensurável para fazer do acolhimento de refugiados a única atitude possível perante o sofrimento e o desespero de quem tenta fugir da guerra, da fome, da impossibilidade de um futuro. Apesar disso, desmontar os argumentos de quem vai brandindo as ameaças de sempre perante a chegada de migrantes ao continente europeu é um desafio a incluir nesse gesto humanista e usar a linguagem dos números pode ser uma boa forma de levar a

cabo a missão. Num artigo publicado no *El País*, Miguel Ángel Criado cruza a informação disponível de diferentes estudos sobre a presença de refugiados em vários países europeus com as declarações de especialistas em economia: «El trabajo, publicado en la revista científica *Science Advances*, muestra que tanto los inmigrantes como los refugiados, ya desde el año de su llegada o solicitud de asilo, favorecen la actividad económica, aunque los primeros años las alzas no sean estadísticamente significativas. En el caso de los inmigrantes, cuando su tasa (medida por 1.000 habitantes) sube en un punto, el PIB per cápita mejora en los cuatro años siguientes, llegando a una subida del 0,32% en el segundo año tras la llegada. Los efectos también son positivos en el ingreso de impuestos y, aunque más modestos, en la reducción del paro.»

A clareza dos resultados obtidos por diferentes estudos não se alcança sem algumas zonas cinzentas, difíceis de analisar e medir, nomeadamente os efeitos a longo prazo. Apesar disso, há suficientes estudos elaborados em diferentes lugares do mundo durante várias vagas de migração para se perceber que o impacto económico é positivo, na proporção inversa dos argumentos xenófobos que vão sendo difundidos sempre que o tema se discute na praça pública: «El problema con este tipo de investigaciones es la dificultad para medir el impacto de los refugiados sobre toda la economía y a largo plazo. Sin embargo, la historia ofrece algunos experimentos socioeconómicos que ayudan a medirlo. El economista del Centro de Estudios Monetarios y Financieros (CEMFI), Joan Monràs, ha estudiado cuatro de ellos: el de los exiliados cubanos del Mariel en 1980, los repatriados franceses tras la independencia de Argelia, el éxodo de judíos rusos a Israel o la más reciente oleada de refugiados de la Guerra de los Balcanes. "A corto plazo, en todos los casos hay gente que gana y gente que pierde y depende mucho del tipo de inmigrante que llegue", comenta. Pero, añade, "a medio y largo plazo los mercados laborales se adaptan al tipo de fuerza laboral disponible". Pero incluso en el caso de que la llegada de inmigrantes afecte negativamente a un grupo específico, aún el impacto global puede ser positivo. Monràs cita un ejemplo muy alejado de los inmigrantes con baja cualificación de desplazan a los nativos de los puestos menos cualificados. Tras la caída de la Unión Soviética, muchos matemáticos de la URSS emigraron a EE UU. "Aunque los matemáticos locales tuvieran serios problemas de competencia, la matemática estadounidense ganó con su llegada", dice.»



Um corpo que seja seu



O CORPO DELA E OUTRAS PARTES

Carmen Maria Machado
Alfabeta
(tradução de Tânia Ganho)

A contracapa alinha os habituais elogios da crítica internacional e a lista de presenças em prémios e destaques de livros do ano: finalista do National Book Award, referência entre os melhores de 2017 para publicações como o *New York Times*, a *Paris Review* ou a *Publishers Weekly*. Uma pesquisa breve pela internet revela contos e ensaios publicados de modo disperso e um certo frenesi em torno do nome da autora, Carmen Maria Machado, norte-americana. Tudo isto podia ser apenas mais uma operação de marketing editorial, mas quando se chega ao miolo de *O Corpo Dela e Outras Partes* percebe-se que não, percebendo-se igualmente que este é um livro capaz de abalar aquilo a que chamamos literatura contemporânea.

Oito contos compõem este livro. Em todos eles, personagens femininas no centro da narrativa e o corpo à procura de um caminho, a reclamar um lugar, a agarrar-se aos impulsos mais profundos. No primeiro conto, «O Ponto do Marido», há um casal, homem e mulher, que vive um casamento aparentemente harmonioso, assente numa série de momentos partilhados, numa vida sexual intensa, na chegada de uma criança. E há um espaço de individualidade, um lugar privado que é apenas da mulher, cuja privacidade é constantemente ameaçada pela curiosidade do marido. Baseado no conto «The Green Ribbon», de Alvin Schwartz, este primeiro conto incorpora características do género fantástico,

trabalhando com o suspense e um pacto ficcional que assume a metáfora a partir de um elemento inverosímil no plano do realismo (a fita que a mulher tem ao pescoço, como se com ela tivesse nascido, como se fosse – e é – parte do seu corpo). Noutros contos há elementos semelhantes, de personagens que se tornam incorpóreas e visões que podiam figurar sem conflito em narrativas de horror ou de fantasia, mas que aqui são trabalhadas como algo que pertence indubitavelmente a um contexto a que poderíamos chamar de realista. É no corpo e na mente das personagens que essas aparentes distorções do real crescem e, portanto, é nesse real que elas existem – porque não há outro que possamos perceber e se há algo que atravessa estes contos de modo implacável é essa vontade de acabar com a ideia de uma realidade distinta das nossas capacidades de percepção.

Há um terramoto em formação no centro do corpo de cada personagem destes contos e não é preciso um sismógrafo para o antecipar, porque Carmen Maria Machado escreve dando voz a essa movimentação tectónica que normalmente está fora do alcance da vista. Aqui se cruzam o corpo e o lugar no mundo, a escolha sem complacências e o remorso por resolver, o sexo e as suas ilusões nem sempre cumpridas de intimidade, a política como forma de existir e decidir como se vive e porquê. Não é por escrever o desejo sem refrear o verbo que este é um livro tão capaz de abalar o mundo. Escrever o desejo não é algo que nunca se tenha feito, mas talvez seja algo que nunca se fez deste modo a um tempo tão límpido e tão disponível para remexer nos lugares do indizível, aqueles que podem guardar-se sem notícia algures entre neurónios e sinapses e que um dia regressam com estrondo, clamando por uma reescrita da história – a pessoal – que se pensava tão arrumada.

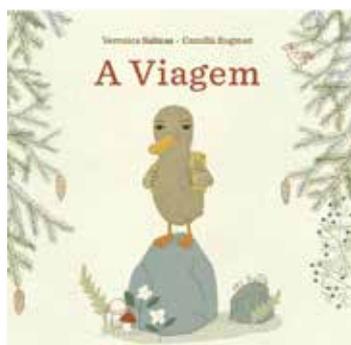


LA ERRABUNDA

VVAA

Lindo & Espinosa

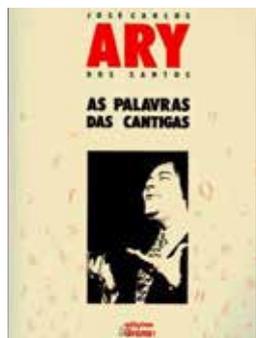
Um livro de crónicas que reúne textos de seis escritores, nascidos entre as décadas de 1970 e 1980 em diferentes lugares de Espanha, cada um escrevendo sobre a sua cidade ou o seu espaço mais enraizado. Na tradição dos escritores e filósofos que tiveram na deambulação um modo privilegiado para refletir sobre o mundo, este livro assume-se também como uma espécie de manifesto que encara as caminhadas sem destino como um gesto essencial para a reflexão.



A VIAGEM

Veronica Salinas
e Camilla Engman
Orfeu Negro

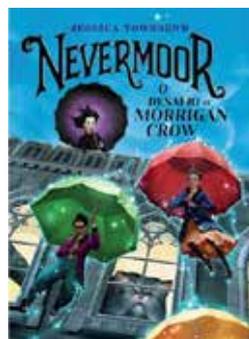
Um pato é surpreendido pela força imbatível do vento e acaba levado para um lugar novo. E o novo é diferente, a diferença dificulta a comunicação, sem comunicação resta a solidão. Até se descobrir uma ponte para desvendar a diferença. É uma parábola sobre ser estrangeiro, ou estar sozinho, ou o diferente e o semelhante, ou sobre o recomeço. Seja como for, é uma parábola muito *naïf*, com muitas repetições e ilustrações delicadas com cores suaves que ajudam a mediar o medo e a acreditar.



AS PALAVRAS DAS CANTIGAS

José Carlos Ary dos Santos
Edições Avante

No ano em que faria 80 anos, as Edições Avante reeditam duas obras de José Carlos Ary dos Santos, *Obra Poética* e *As Palavras das Cantigas*, este último reunindo as dezenas de letras que escreveu para canções, muitas delas contribuindo para compor a memória colectiva do 25 de Abril de 1974 e dos anos que se lhe seguiram.



NEVERMOOR

Jessica Townsend
Nuvem de Letras

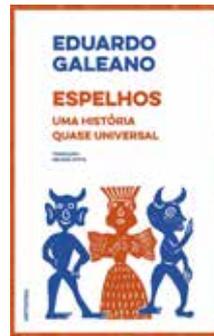
Apesar de ser o primeiro livro da escritora australiana, esta narrativa fantástica alcançou o lugar de bestseller do *New York Times*, o Waterstones Children's Book Prize 2018 e várias críticas de relevo. Há quem compare a protagonista, Morrigan Crow, a Harry Potter, pela sua densidade psicológica e o contexto em que se encontra. O papel de heroína assenta-lhe a dobrar: por um lado, não escolheu nascer num dia fatídico, por outro não desiste de lutar contra um destino cruel.



QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO NEGRO?

Djamila Ribeiro
Companhia das Letras

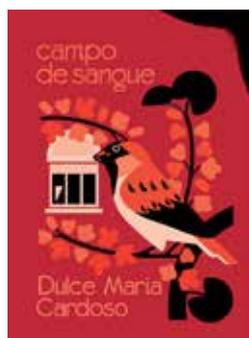
Depois de uma infância marcada pelo silenciamento - resultado directo da discriminação racial e social -, Djamila Ribeiro chegou à adolescência disposta a mudar o mundo. Neste livro reúnem-se um longo ensaio autobiográfico e vários artigos publicados pela autora na revista brasileira *CartaCapital*, entre 2014 e 2017.



ESPELHOS

Eduardo Galeano
Antígona

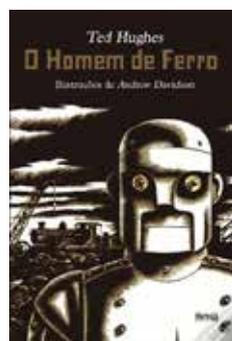
Um imenso volume que reúne relatos breves, retratos de gente cujo nome não ficou na história, pequenas vilanias e alguns atos de coragem, uma espécie de eco a muitas vozes da condição humana e das suas deambulações mais ou menos indefinidas pelo mundo que nos coube como casa.



CAMPO DE SANGUE

Dulce Maria Cardoso
Tinta da China

Nova edição do romance de estreia de Dulce Maria Cardoso, originalmente publicado em 2002 e com adaptação ao cinema preparada para breve. As histórias das quatro mulheres e do modo como as suas vidas se relacionam com a de um mesmo homem decorre em paralelo com o julgamento desse homem, desenrolando-se os episódios num labiríntico desvendar da narrativa.



O HOMEM DE FERRO

Ted Hughes e Andrew Davidson (ilust.)
Ponto de Fuga

A recente editora Ponto de Fuga tem vindo a provar que há no mercado do livro infanto-juvenil espaços por preencher. Isso acontece quando se publicam títulos pelos quais o público não ansiava mas que se revelam poderosos pela sua qualidade e unicidade. É o caso deste volume do escritor americano, internacionalmente reconhecido pela sua obra para adultos. Esta sua incursão na ficção científica dá aos mais novos uma experiência diegética e literária surpreendente.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago



sara
figueiredo
costa

Livros com, o mar ao pé

Tempos houve em que os suplementos de Verão aconselhavam leituras ligeiras, narrativas cuja capacidade de inquietar leitores era inversamente proporcional à frequência desejada com que as ondas chegavam a uns metros da toalha. Isto, claro, presumindo que todos os leitores tinham férias no Verão, e que todos escolhiam a praia como lugar de descanso, e ainda que todos precisavam de repousar o cérebro de leituras densas e complexas feitas durante o resto do ano. Os suplementos abandonaram a prática e até já recomendam ensaios económicos ou grandes romances épicos para a época estival, pelo que está arrumada a ideia de que o calor e o repouso têm de indicar uma leitura específica. Ainda assim, e porque há quem sonhe com a praia o ano inteiro e só possa cumprir esse sonho em Agosto, as leituras temáticas não têm porque perder o sentido. Mas também não têm de ser ligeiras, incapazes de deixar marca, um repouso para as sinapses. Entre clássicos e leituras mais recentes, aqui propomos

dez livros que têm no mar uma referência importante, um cenário, uma personagem, uma metáfora. E nenhum deles se lê melhor ou pior no Verão.

20.000 Léguas Submarinas

Jules Verne
Relógio d'Água

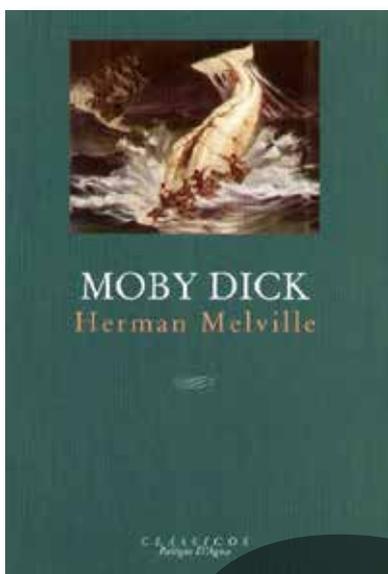
As deambulações do submarino Nautilus, comandado pelo capitão Nemo, começam por ser um modo de isolamento relativamente à humanidade, uma espécie de utopia marítima de auto-sustentabilidade e novos modos de sociabilização, para logo se tornarem uma fuga constante. Os acidentes que, inadvertidamente, o submarino provoca em algumas embarcações fazem com que seja encarado como uma ameaça, e porque o Nautilus era um segredo bem guardado, há até quem o imagine um monstro das profundezas. Metáfora poderosa sobre a natureza humana, o livro de Jules Verne não deixa de ser também uma narrativa de aventuras com o mar como cenário.



Moby Dick

Herman Melville
Relógio d'Água

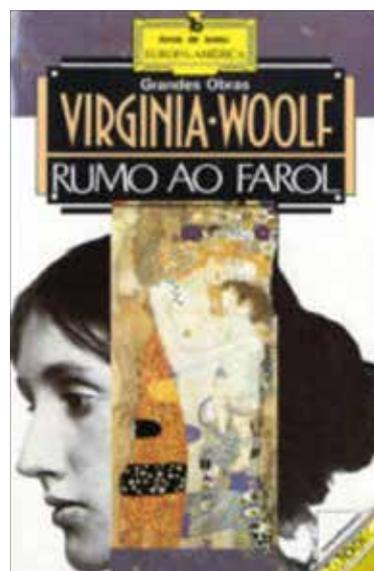
A obsessão do capitão Ahab por capturar a baleia branca que dá nome ao livro, e que foi a responsável pela perda de uma das suas pernas, o que motivou a vingança, está no centro da narrativa de um dos grandes romances de sempre. Numa polifonia estilística e de géneros, Melville coloca o leitor perante questionamentos sucessivos, da existência de uma realidade à nossa capacidade de a percepcionarmos como tal, sempre com o desafio da coragem, do medo e da vingança como motores.



Rumo ao Farol

Virginia Woolf
Europa-América

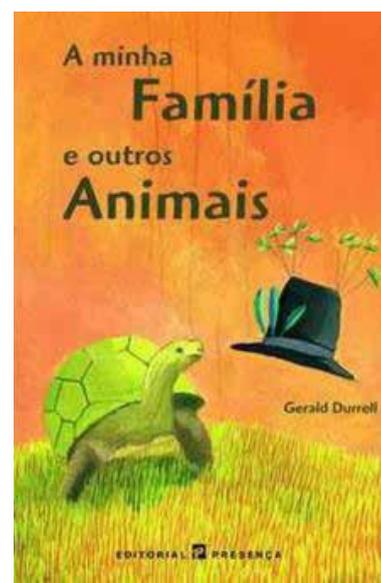
Na verdade, o romance que Virginia Woolf publicou em 1927 não tem o mar como tema, ainda que parte da sua acção decorra numa casa de férias à beira da água e que haja um farol, presença tutelar que desencadeará alguns momentos relevantes da narrativa. Na boa tradição modernista, *Rumo ao Farol* é um livro introspectivo, com pouca acção, onde o sumo da narrativa está nas reflexões sobre a memória, as emoções, a infância e o modo como tudo isso nos vai definindo ao longo da vida.



A Minha Família e Outros Animais

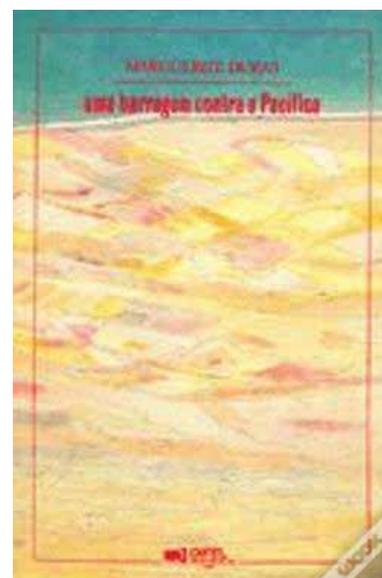
**Gerard Durrell
Editorial Presença**

Na ilha de Corfu, na Grécia, uma família com várias crianças instala-se para fugir do frio inglês. Gerald, uma das crianças, terá nesta ilha o início de uma revelação, observando com interesse crescente todas as formas de vida que o rodeiam, em terra e no mar. Fascinado com a natureza, recolhe animais e plantas, enchendo a casa de frascos e caixas que começam a produzir efeitos – normalmente de incómodo – nos restantes membros da família, mas não deixará de fazer avançar a sua curiosidade inesgotável perante tudo o que o rodeia.



Uma Barragem Contra o Pacífico Marguerite Duras Difel

Num pedaço de terra junto ao mar da antiga Indochina, uma viúva instala-se com os filhos na tentativa de reconstruir a sua vida. A terra, afinal, impede esse objectivo, pelo facto de estar constantemente alagada. Começa aí a decisão de construir a barragem, protegendo casa, terra e família do imenso mar – uma decisão tão inusitada quanto destinada ao fracasso. Entre ameaças da água e tentativas de a dominar, Duras ensaia um retrato fortíssimo das relações familiares e das suas complexas teias de silêncios, segredos e não-ditos, todos prontos a rebentar com o mesmo estrondo que a barreira erguida contra o mar.



Odisseia Homero Cotovia

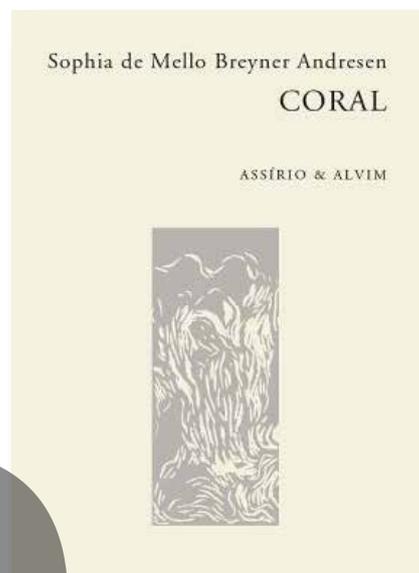
Talvez Homero não tenha existido, o que nada diz sobre a imensa marca fundacional que deixou na literatura e na cultura universais. A história do regresso de Ulisses a Ítaca, onde a sua família já não espera vê-lo voltar (com excepção da mulher, Penélope, que nunca perdeu essa esperança) é a história de todas as histórias, das aventuras marítimas que convocam medos profundos e golpes de sorte impossíveis aos dilemas morais que se nos colocam na relação com os outros e com o mundo. Dez anos para regressar a casa e a eternidade (ou a sua ilusão) como legado para a humanidade.



Coral

**Sophia de Mello
Breyner Andresen
Assírio & Alvim**

Na obra de uma autora que sempre teve no mar uma das linhas temáticas da sua poesia, *Coral*, originalmente publicado em 1950, é uma das escolhas possíveis. Num dos poemas, «Barcos», lê-se: «Dormem na praia os barcos pescadores/ Imóveis mas abrindo/ Os seus olhos de estátua// E a curva do seu bico/ Rói a solidão.»



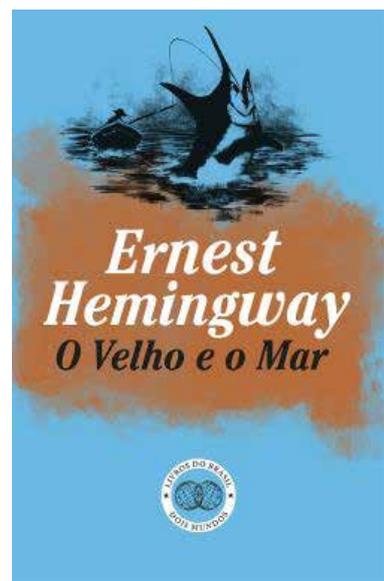
O Velho e o Mar

Ernest

Hemingway

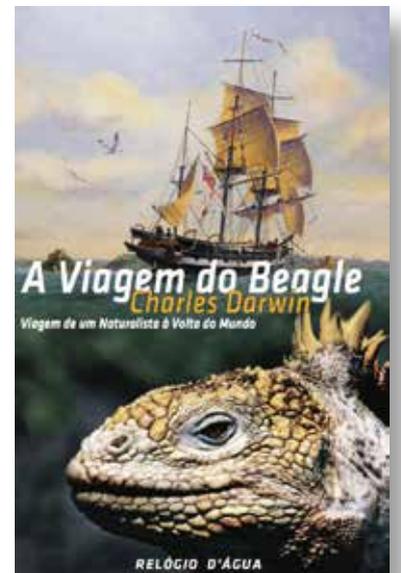
Livros do Brasil

Há alguns ecos de *Moby Dick* nesta novela de Hemingway, uma narrativa sobre a persistência, o deslumbramento, a desilusão e, sobretudo, a inexorável passagem do tempo. Santiago, um pescador cubano há vários dias sem conseguir pescar, fisga um enorme espadarte no seu anzol. Arrastado para o largo pelo peixe que resiste a ser pescado, o pescador enfrentará uma luta aparentemente interminável com o animal, num braço de ferro cujo desfecho traz o eco da efemeridade de todas as celebrações.



A Viagem do Beagle Charles Darwin Relógio d'Água

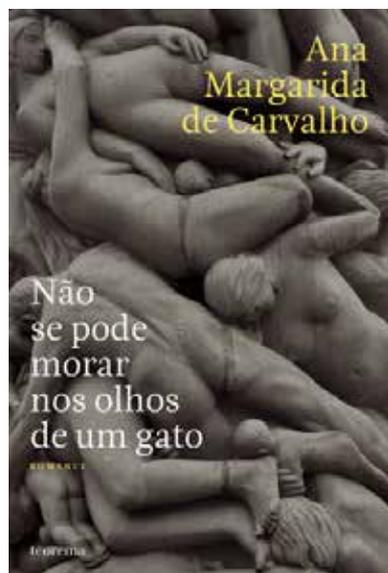
Em 1831, Charles Darwin juntou-se à tripulação do HMS Beagle para uma expedição de levantamento topográfico na América do Sul planeada para um ano. Na verdade, foram quase cinco anos entre mar e terra, nos quais Darwin recolheu dados e informações sobre animais, plantas, questões biológicas e geográficas e toda a espécie de anotações sobre o que ia observando. Cabo Verde, Brasil e Argentina foram alguns dos territórios onde Darwin recolheu as suas informações, compilando-as num volume que ficaria conhecido com o título *A Viagem do Beagle* e onde vários registos podem considerar-se os primórdios do que seria a sua *Teoria da Evolução das Espécies*.



Não Se Pode Morar Nos Olhos de Um Gato

Ana Margarida
de Carvalho
Teorema

A narrativa principal deste romance decorre a bordo de um navio que transporta escravos para o Brasil, já depois da abolição da escravatura, e na praia deserta junto da qual o navio naufraga. Há alguns flashbacks que vão desvendando as histórias de vida das personagens, mas é na interacção entre elas e as suas bagagens emocionais que está o nervo de um livro, bem como na reflexão sobre a nossa capacidade de lidar com a alteridade, entre a empatia e o ódio





CASA JOSÉ
SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS



AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

 Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

A mediação como imaginação política

andrea
brites

W

ria

Prates

Valquíria Prates assume-se como mediadora. É curadora, educadora e escritora, colaborando desde há muito com entidades de referência da cultura brasileira como o Instituto Tomie Ohtake, a Pinacoteca ou os SESC de S. Paulo. A Portugal regressou no último inverno para

continuar a pesquisa que vem desenvolvendo no âmbito da sua tese de doutoramento. *A Blimunda* foi conhecê-la.



OCUPAR PARA FAZER EM CONJUNTO

Arte, educação e participação são a santíssima trindade que Valquíria Prates pretende organizar segundo não como uma entidade suprema e sim como um colectivo. O título da sua tese de doutoramento, que leva a cabo no Instituto das Artes da Universidade Estadual Paulista, é esclarecedor: *Como fazer junto: processos colectivos de participação em arte e educação*. O que a investigadora procura em Portugal e no Brasil são testemunhos sobre formas de fazer com, sucessos e fracassos, planificações e acasos, surpresas, processos, modos de avaliar. Não se centra propriamente no que acontece ao indivíduo perante uma obra de arte. Esse diálogo silencioso é pouco numa dinâmica que se deseja contaminadora e transformadora. E é pouco quando Valquíria trabalha desde sempre criando pontes, desafios, diálogos entre a arte e o público, sob a forma de ateliers, oficinas, conversas, formações ou guias para visitas espontâneas. Na sua relação com a arte contemporânea, que começou ainda durante a licenciatura, o seu papel de curadora foi muito mais o da participação do que o da programação distanciada. Por isso, rapidamente se deu conta de que algo acontece nessa relação com o público. ***Tem alguma coisa que acontece quando a gente convida as pessoas para estarem connosco durante um tempo determinado, seja para uma conversa, seja para escrever junto, seja para aprender a desenhar. Interessa-me como cada criador convida as pessoas para fazerem alguma coisa, como pensa uma oficina, um laboratório, um encontro.*** Nessa sua pesquisa teórica e prática, Valquíria deu-se igualmente conta de que uma das formas de derrubar uma barreira entre a curadoria e as actividades que se realizavam depois para explorar as exposições era introduzir uma outra abordagem: a exposição-ocupação. Isto significa que, quando consegue, Valquíria contamina

o processo de montagem da exposição com a participação do público. Uma das experiências mais ricas e complexas que vivenciou foi quando convidou oito artistas a desenharem com o público. Os artistas foram escolhidos segundo o critério de também serem educadores. Cada um teria uma sessão de desenho aberta ao público e a exposição decorria desse fazer junto. Foi muito problemático, houve artistas que se sentiram invadidos na sua obra, que não se reconheceram nas apropriações do público. Houve muitas questões relacionadas com a própria produção. No final, Valquíria acha que **ter passado por isso foi importante para mim. O uso é a forma. O como você usa é como você ocupa e como você ocupa é a forma que a coisa toma. Posso dizer-te que de todos os projectos só um ou dois se mantiveram como na planificação. Todos os outros viraram outra coisa. No último dia apareceram mais de oitenta pessoas para ouvir a conversa com os artistas. Foi uma grande surpresa para mim. Ficou linda a exposição! Foi o projecto mais legal que já fiz e o que mais dores de cabeça me deu!**

MUSEU DE CURIOSIDADES PEDAGÓGICAS

O Museu de Curiosidades Pedagógicas é disso exemplo. Valquíria criou uma plataforma onde colecciona experiências sociais, artísticas ou outras que estão registadas em vídeo, fotografia, audio ou texto e que provocam um efeito de desconforto, de confronto, chegando a revolver a própria noção de pedagogia. O atrito, a surpresa e a necessidade de encontrar um código comum são alguns dos efeitos das experiências que se relatam neste Museu. **A gente colecciona alguém que aprendeu junto a fazer alguma coisa com outra pessoa; alguém que está pensando como é que se faz quando se aprende junto.** Exemplifica com o texto *O Mestre Ignorante*, de Ranciére. **O Mestre Ignorante não sabe a língua dos seus estudantes e então estão juntos tentando se encontrar no**

texto. Acho uma super metáfora. O museu está alojado numa plataforma virtual: são pequenas narrativas de experiências (<http://museudecuriosidade.wixsite.com/museu>). **O mesmo acontece com os textos do Paulo Freire: o que é que uma pessoa entende que é quando alguém aprende, quando se educa, quando se faz arte? É nesse lugar que temos o interesse maior de conversar com os outros porque é nesse lugar que aparece todo o tipo de crença, todo o tipo de postura de vida e é do incômodo, do atrito (nunca é do conforto) que se chega a algum lado. Esse peso é super importante para revolver a terra. É desse lugar que a gente entende que se podem ampliar pontos de vista, ampliar aquilo em que se acredita, duvidar... «Como se pode promover esse acontecimento? Pode ser dentro de uma exposição, com os educadores que trabalham nessa exposição, pode ser no bar do SESC, nas áreas de convívio. As pessoas vêm como por um efeito magnético. É uma coisa meio performativa. Dependendo da forma como está falando ou lendo as pessoas acham que é um evento.** Valquíria avisa que vai estar num determinado local a uma determinada hora e as pessoas vão aparecendo. Vêm pessoas das artes e de outras áreas e isso é muito importante para o tipo de trabalho que faz, para aquilo que entende como participação.

Para Valquíria é importante que as pessoas percebam que há um lugar para a discordância respeitosa na conversa. **As pessoas já não sabem conversar e está tudo muito polarizado no Brasil. Esses encontros servem muito para as pessoas poderem discordar sobre assuntos que parecem não ser sobre política nem sobre religião... Como a arte pode ter inúmeros pontos de vista as pessoas não têm tanto medo de se posicionar ou de ter a única verdade. Então numa conversa dessas as pessoas degladiam-se, brigam, discutem... Mas é diferente porque como há muitos pontos de vista ninguém vai estar errado, não precisa ficar com vergonha, então não é tão a ferro e fogo.**

UM HUB DE EXPERIMENTAÇÃO

A Agência de Viagens Espaciais nasceu depois de Valquíria e a sua irmã mais nova Valéria já terem uma longa experiência na área da curadoria e da arte-educação. Foi precisamente a partir do questionamento que foram promovendo e da auto-reflexão sobre o seu trabalho que nasceu esse hub de experimentação. A sua intenção é levar mais longe a ideia de mediação como processo de participação artística, seja numa leitura, numa oficina, numa conversa. **Se eu pudesse falar que é uma mediação de imaginação, uma imaginação política porque quando se faz curadoria é para mediar, quando se faz atelier é para mediar. É sempre para acontecer um bando de gente junta falando sobre coisas que são importantes, que movimentam, que interessam. Se fosse peneirar tudo me parece que tenho uma vontade de trabalhar com uma imaginação política mesmo! Política no sentido de uma pessoa entender que ela não tem de obedecer ou desobedecer, que não é para fora, é para dentro. Acho que não tinha muito claro como dizer isso antes mas a semana que passei em Guimarães foi muito impressionante. É difícil pensar que vamos conseguir pôr um grupo de pessoas a pensar e a fazer uma coisa em conjunto contra os seus próprios pressupostos. É preciso que as pessoas se desobedeçam para criarem qualquer coisa em conjunto. E isso é muito difícil. Na melhor das hipóteses, num grupo de três pessoas que vão fazer um desenho, ou um escrito ou uma escultura, há uma que consegue e isso já é ótimo. O que acontece é que cada uma está a responder aos seus processos; então é a multiplicidade e simultaneidade. O encontro desperta e rebate coisas mas é sempre um reflexo de espelho. É sempre assim. Pode ser numa leitura de um texto e numa conversa, mas pode ser quando pomos uma coisa na mesa para dividir.**

Percorrendo a página web da AVE (<http://ave.art.br/>) é possível, apenas pelas fotografias das exposições-ocupações, perceber que o que Valéria e Valquíria concebem nos espaços das bibliotecas, museus, escolas ou outros institutos culturais obedece a uma experiência dinâmica e participativa, seja de crianças ou de adultos, seja a desenhar, a espreitar, a ouvir, a caminhar ou simplesmente a sentar. Se alguém projecta elementos que escolhe numa superfície, e isso é feito numa sala ocupada por outras pessoas, há uma inevitável contaminação. Tanto quanto nos sentamos debaixo de uma estrutura semelhante a uma tenda onde o espaço obriga ao ajustamento dos corpos. Seja através da narrativa, da ilustração, do livro de artista ou do objecto de arte, as experiências de atelier e de visita procuram a participação. ***O que gostamos de fazer é estar com as pessoas e isso acontece em exposições-ateliers: a gente tem as obras e tem os encontros e as experiências dentro do espaço expositivo. Há dispositivos móveis, desenhados pelo Ricardo Amado, o arquitecto que trabalha com a gente, pensados para que os encontros aconteçam. Por exemplo, a pessoa vai sentar ali e o jeito de sentar vai fazer com que acabe por conversar.***

BEBEOTECA, UMA EXPERIÊNCIA SENSORIAL

Uma das propostas da AVE é a Bebeoteca, cujos projectos são da autoria de Valéria Prates Gobato. Cinco anos mais nova do que Valquíria, Valéria foi mãe há três anos e faz sentido que nesta fase explore mais profundamente a relação com o público infantil. O pressuposto é sempre uma experiência sensorial que se relaciona com um ou mais álbuns ilustrados. De entre muitos, Valquíria recorda um. ***Era uma exposição de ilustrações do Planeta Tangerina em que as ilustrações, emolduradas, eram colocadas na parede à altura do olhar das crianças. Na sala havia umas vinte crianças entre os 3 e os 6 anos. Valéria apagou as luzes e eles entraram***



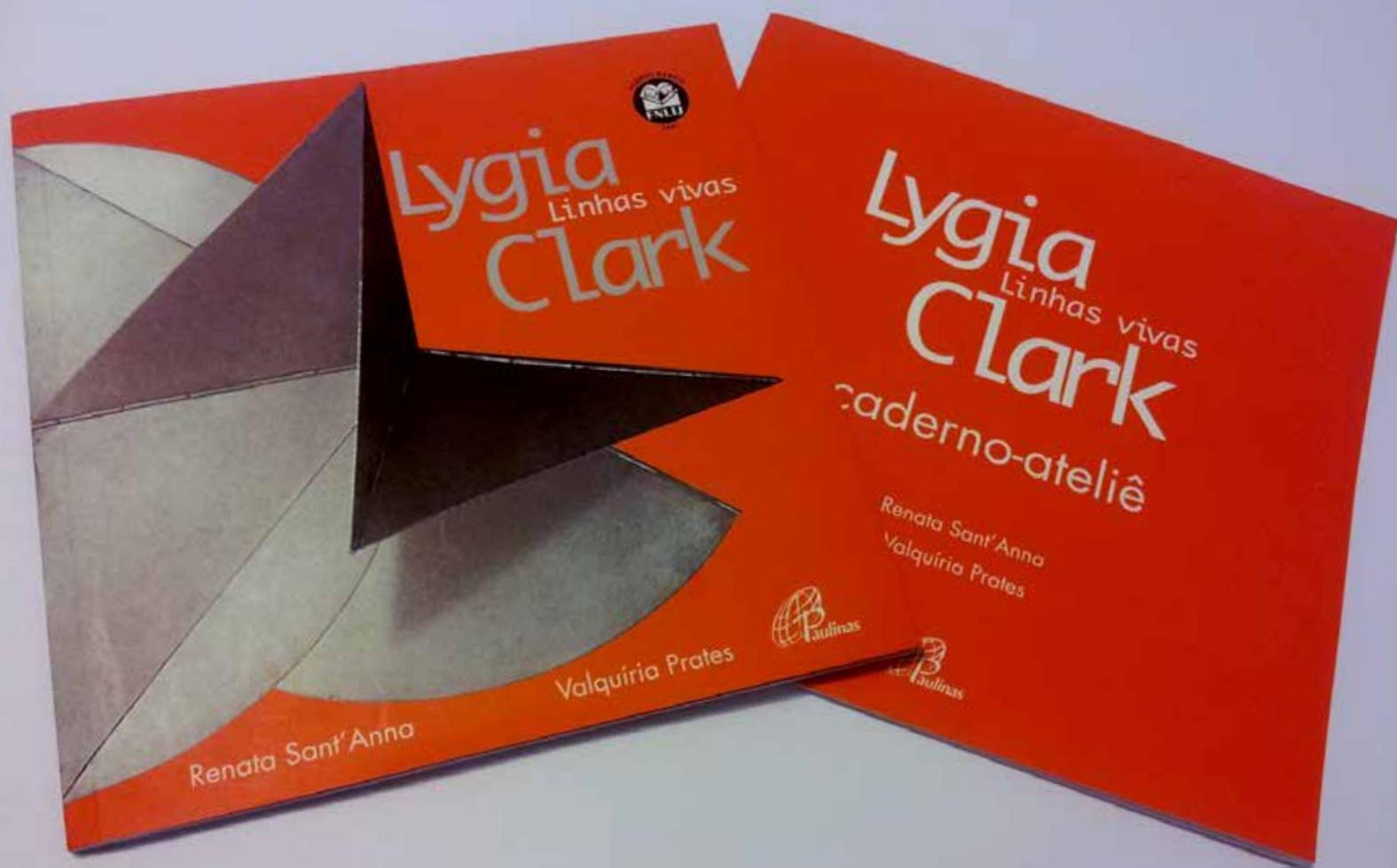
com a lanterna no escuro ao encontro das ilustrações. Depois sentaram e conversaram sobre o que apareceu e como foi, o que foi importante para eles quando viram o que existia, o que aparecia ali... O tema era aparecer. Depois reencontraram as imagens nos livros. Também tem isso, o manuseio do objecto livro que é super importante para nós.

ARTE À 1ª VISTA NASCE DOS LIVROS

Sendo a AVE um lugar de liberdade e de experimentação, Valquíria e Valéria equilibram as contas e o trabalho com encomendas. Antes da AVE já tinham a |Quadrado| através da qual realizam diversos projectos culturais, da curadoria à mediação, sendo a área de maior procura a de programas educativos, seja no seu desenho, seja na coordenação das equipas de educadores, seja ainda na produção de textos explicativos para professores. ***Fizemos uns caderninhos com perguntas para você se fazer em qualquer exposição e às vezes quando propomos é aceite, mas muitas vezes não porque o que nos pedem são textos explicativos e fechados***

para cada exposição. Como já trabalham com o SESC há muito tempo - e só este instituto tem cerca de vinte e cinco exposições por mês, contando com todas as suas unidades - são muitas vezes chamadas. Em paralelo têm projectos autónomos que vão acontecendo de acordo com a especialização de cada uma. Um deles é Arte à 1.^a Vista, que dura desde 2006 e nasce do livro como divulgador e objecto da arte. **Com a Renata Sant'Anna escrevemos um livro em 2006 sobre a Lygia Clark que é uma artista brasileira de Minas já falecida, muito experimental, é a pessoa que pensa a arte como experiência (Lygia Clark: linhas vivas, Paulinas, 2006). O livro é para crianças. Por causa desse livro a Paulinas quis fazer uma colecção connosco e nós entendemos que no início tínhamos de dar à Paulinas uma parte mais pedagógica. No começo o texto ainda ficou um bocado paradidático mas a partir do terceiro livro da colecção eles começaram a aceitar um texto mais literário. Essa colecção gerou exposições com obras dos artistas e uma coisa que chamamos de bibliobanco: são uns bancos que têm os livros da colecção, o catálogo da exposição com as obras do artista e livros de literatura que tem a ver com o assunto. Isso é uma coisa que fazemos há já doze anos. É uma coisa que viaja muito e que temos imenso prazer em fazer. E quando fazemos formação de professores com esse projecto acho que conseguimos chegar mais longe: eles percebem que o livro é o ponto de partida, é o que costura tudo. Só existe uma exposição de arte contemporânea porque o livro vai proporcionar que encontres a mesma obra ou uma obra da mesma família.** A propósito desta colecção, Valquíria recorda uma experiência paradigmática do que significa mediar e de como o lugar da arte só é importante em relação com a experiência de cada comunidade. Se a arte for um motivo para pensar, para conversar, para questionar, já serve o seu propósito.

Por ocasião de um dos encontros literários da Paraty, a FLIP em 2007 ou 2008, Valquíria e Renata Sant'Anna foram para a vila



uns dias antes para trabalharem com as crianças das comunidades. Embora Paraty seja uma vila pequena, há pessoas das zonas rurais adjacentes que nunca foram ao centro. As duas autoras iam conversar e apresentar os seus livros a duas escolas. Na primeira, a intenção era apresentar a obra de Lygia Clark. **Como é que você a apresenta? Lygia Clark rompeu com os códigos da arte e tal... Bom, assim que chegámos lá percebemos que não tinha contexto.** Havia uma mesa posta com uma toalha de crochet, com bolos. **Era o acontecimento do ano: as autoras estavam lá. Todo mundo estava lindo, as crianças lindas! A gente entra na sala de aula e a primeira coisa que fiz foi desmontar as carteiras para fazermos uma roda. Pronto. Aí a Renata começou a falar: "Sabem, a Lygia Clark fez arte de um jeito diferente..." Tá. Mas diferente do quê? Vocês já foram a um museu? Não. Já foram ao centro histórico? Não. Vocês já viram algum museu num filme? Não. Para mim foi muito claro que**

tínhamos de partir daquele momento, tinha de contar o que é uma escultura! Então falei: «uma escultura é mais ou menos assim:» Peguei e estiquei os braços e as pernas da Renata. Mas não andava. Então pegámos nuns moldes de animais que a Lygia fazia em papel antes de criar a escultura. Aí fui para a roça da escola, olhava e via árvores. Eles não. Eles viam cada uma delas: esta é uma mangueira, aquela é não sei o quê... E aí eu pensei: Aqui já tem qualquer coisa. Então começámos a falar sobre os bichos, do que precisa para ser bicho e chegámos na ideia da dobra. Pá! Chegámos! Para a Lygia um bicho é isto: e começámos a fazer. Quando eles viram o papel, tinha dourado e prateado... Teve uma menina de que nunca me vou esquecer. Ela falou assim para mim: «Tia, será que posso levar um desses para a minha mãe e outro para o meu pai? Porque assim eu guardo e dou para eles no Natal.» Foi lindo! Quem não sabia nada ali era eu e a Renata!

DESCOBRIR O ÁLBUM

O livro é o elemento congregador do percurso de Valquíria Prates. Mais propriamente o álbum ilustrado porque a certa altura entedeu que ***o álbum está no limite do livro-objecto; quer o livro de artista quer o álbum estão na fronteira da arte contemporânea.***

Valquíria estudou Linguística na USP, em São Paulo. Durante o curso começa a trabalhar no serviço educativo do museu de Arte Contemporânea da USP e integra um projecto denominado *Museu e a Pessoa com Deficiência* porque lhe interessa perceber como se apreende um código quando as ferramentas são ausentes ou diferentes. Recebe público com deficiência visual, auditiva e cognitiva para visitar o espaço e realizar oficinas. É nessa altura que descobre o poder do álbum infantil durante as aulas do quarto ano com a professora Maria dos Prazeres que era especialista ***numa coisa***

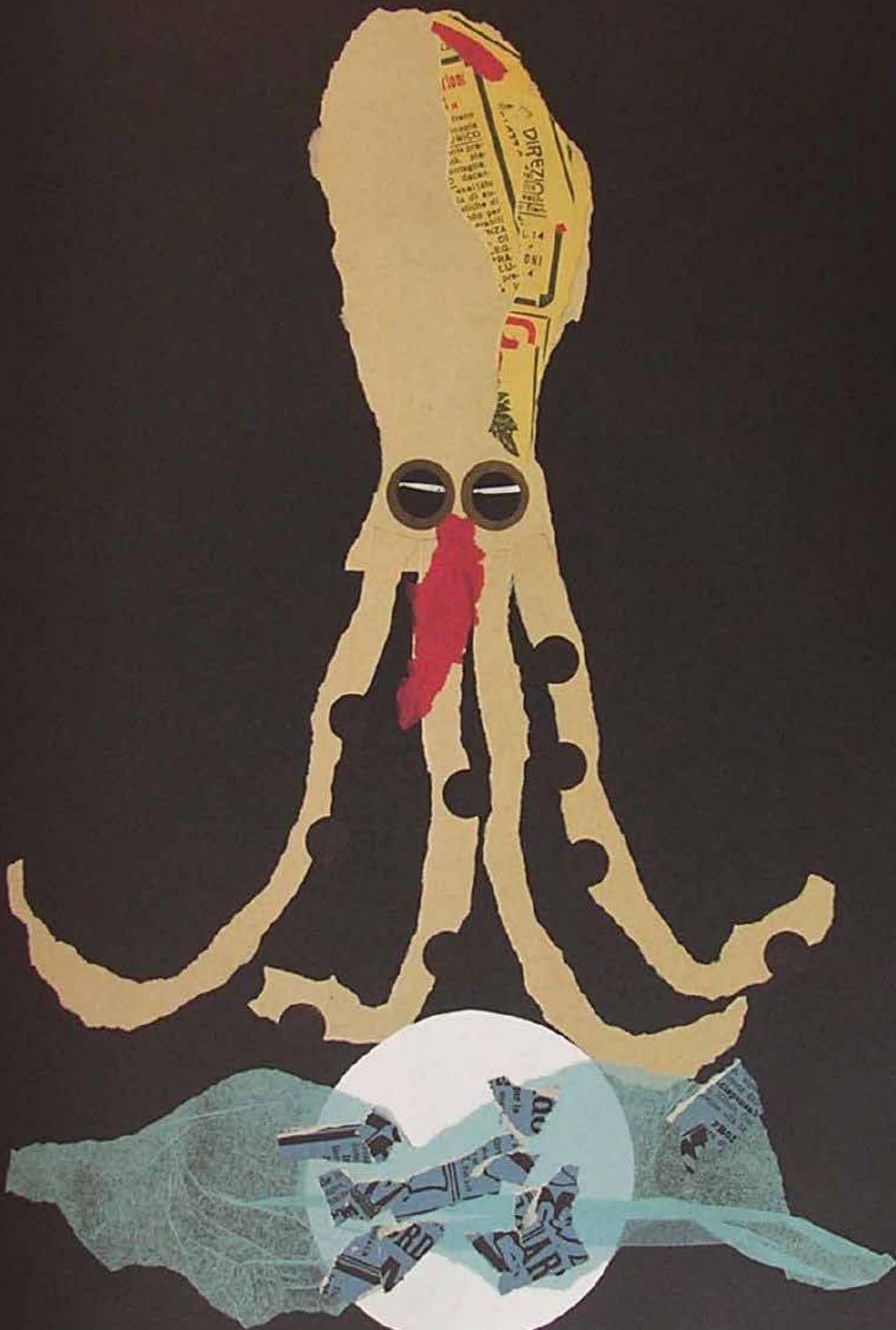
que ela chamava objecto novo e que era o álbum ilustrado. Eu fiquei possuída! Nos cursos de letras a literatura infantil fazia parte do currículo desde o primeiro ano mas só no final se chegava ao álbum e à ilustração contemporânea para a infância.

Anos depois descobre a colecção de livros de artista do Centro Cultural São Paulo. É aí que, já na companhia da irmã Valéria, que à data também já tinha acabado a sua licenciatura em italiano, se lança em busca de informação e conhecimento sobre livros de artista, livros-objeto e álbuns ilustrados. Apesar de existir quem estudasse cada um destes modelos de livro, o facto é que não havia quem os estudasse em relação devido a um certo sectarismo. Quem estuda livro de artista não estuda álbum. Acontece que as duas irmãs descobrem um arquivo, em Merano, uma pequena localidade no norte de Itália. E, quando chegam, é como entrar na gruta do Ali Bábá. ÔPLA, o arquivo, tem de tudo o que se possa imaginar, desde Enzo Mari e Iela Mari a Andy Warhol, de Pirandello a Munari... Todos fizeram livros de artista para crianças. Para além do fundo mais antigo, o arquivo dispõe de uma verba anual para a aquisição de novidades, estando por isso muito actualizado. Essa descoberta foi como uma epifania para Valquíria que se dedicou cada vez mais a estudar o livro de artista para crianças.

OS ENCONTROS DE ESCRITA

Com o livro de artista como base, Valquíria decide empreender num estudo de terreno através de uma longa oficina de escrita. A escrita é um pretexto para apresentar livros de artista e álbuns às crianças e estes eram o motor para a criação textual e plástica. **Pensei um projecto piloto do que poderiam ser encontros de escrita para eles experimentarem o livro-objeto, como podiam dar forma ao texto e às imagens, o que era muito difícil para eles.**

FABIO DE POLI, NOTTE DI LUNA — ÒPLA!, MERANO



O lugar escolhido por Valquíria foi o colégio dos seus filhos que na época tinham dez anos. Como um dos seus propósitos passava por observar como as crianças se organizavam entre si para trabalhar em conjunto, a diversidade etária foi uma condição. **O grupo era constituído por crianças de várias idades, do 3.º ao 6.º ano (entre os 8 e os 12 anos). Queria ver como eles se organizavam. Propus isto na escola dos meus filhos porque precisava de um sítio onde pudesse experimentar e errar. Para a escola era super legal porque era uma actividade extra-curricular. Defini, logo no início, que tinha de ser uma actividade gratuita e de participação livre. Os pais tinham de assinar um papel dizendo que a criança queria participar. Fizemos um encontro para apresentar a ideia para os pais. Apareceram quatro pais. Chega o primeiro dia e apareceram umas quarenta crianças. O que é que aconteceu? No recreio as crianças começaram a falar umas com as outras. Os meus filhos iam contando o que podia acontecer porque me tinham visto a escolher os livros. Acho que eles ficaram tão contentes por me ver dentro da escola deles, coisa que eu também não esperava, que começaram a chamar os outros. Chega o primeiro dia e não tinha ninguém para me ajudar. A bibliotecária pôs toda a gente lá dentro, fechou a porta e saiu. Estive sozinha com eles durante duas horas e meia. Sempre que fazia uma pergunta todos queriam responder. Foi horrível! Saí de lá tão exausta! Separei-os em duas turmas. Em cada uma eles tinham de trabalhar em grupo porque não havia como fazer cada um uma coisa e nunca podiam escolher só os amigos, eles tinham de trabalhar com quem nunca tinham trabalhado. Os grupos ficaram mistos, uma turma às terças e outra às quintas. Das coisas mais surpreendentes que percebi foi que ninguém tinha lido um livro que não fosse para a escola. As pessoas não têm livros em casa! E estamos a falar de uma escola particular, classe média! Também não sabem desenhar, fazem florzinhas... Os meninos de doze desenhavam como se estivessem no 1.º ano! E eles têm educação**

artística na escola desde muito cedo! No dia em que fiz com eles o cadaver exqui eles ficaram loucos! A partir daí pediam sempre para fazer. Então fui juntando todos os cadaver exqui e fizemos um livrão com todos eles. Fui ficando abismada com a não presença não só do livro mas da poesia, da imagem, da narrativa complexa... Nada, nada! Isto durou um ano e explorávamos um livro-objeto por encontro. Eu precisava do ano inteiro porque queria entender como eles se organizavam entre si.

A HISTÓRIA ANTES DO ÁLBUM: DESCOBRIR O LIVRO

Os projectos que Valquíria cria com a irmã Valéria, quer na Quadrado, mais institucional, quer na AVE, o laboratório, resultam dessa mescla de experiências e pesquisas desde o serviço educativo do Museu da USP à colecção À primeira vista. Valquíria confessa que a sua relação com os livros foi sempre um tanto obsessiva o que provavelmente lhe chega de casa e da condição que aquele objecto adquiria num bairro pobre. A família não tinha muitos livros em casa nem espaço para os guardar mas Valquíria recorda com um brilho no olhar e um sorriso rasgado a enciclopédia que o pai guardava com muito cuidado dentro de um sofá-cama. ***Para mim isso era um tesouro: as imagens, os desenhos, as letras douradas, uma capa dura...*** Valquíria atribui a esta imagem o início do seu fascínio por livros e pela leitura. Lia muito. Mas não lia obras de referência, nem sequer sabia quais eram já que durante todo o seu percurso escolar até à faculdade nunca teve um bom professor de literatura ou disciplinas de artes. Em casa não havia dinheiro para comprar livros, por isso nem *best-sellers* Valquíria conhecia. A sua leitura fazia-se do que estava à mão. Como os pais eram espíritas, era na biblioteca do lugar que os pais frequentavam que a adolescente bebia todos os romances espíritas que existiam. Quando entrou para

Linguística, Valquíria assume que demorou um ano a conseguir integrar-se. A ausência de referências fê-la questionar toda a sua experiência de leitura. Afinal tudo o que lera não servira de nada?

Acho que o que aconteceu com o livro de artista, o livro-objeto e o álbum é que ele era o único lugar onde a Valquíria que gostava de ler, a Valquíria que gostava de arte, a Valquíria que trabalhava no museu, a Valquíria que estudou letras, se encontraram.

E AGORA, BRASIL?

Cresceu um poder económico nos serviços educativos e é por isso que é possível fazer curadoria.

Muitos curadores migraram para os serviços educativos como opção sustentável. O curador que originalmente não tinha qualquer interesse por serviços educativos começa a promover seminários e conferências. Mas não faz oficinas, as oficinas são consideradas coisas menores, então quem faz a oficina é o educador. Poder curar um espaço, fazer uma ocupação, uma exposição, uma curadoria de leitura, poder fazer isso no âmbito do educativo é um milagre porque o que cabe para um educador fazer ainda não é a curadoria, ainda é a execução de uma atividade que um curador veio propor ao educativo. As relações entre arte e educação são muito verticais, e têm muito a ver com relações económicas e de poder. Também por isso há atividades muito más! Aquilo em relação ao que o curador tem preconceito, nós também temos! O que o curador acha mau, nós também achamos. Quando alguém, numa mesa com gente da arte contemporânea, me pergunta: «O que é que você pesquisa?» e eu respondo: «Pesquiso relações entre arte e educação.» Aí a pessoa olha para mim assim do tipo: «Ai meu Deus! É educadora!» E aí quando você conta o que é, eles dizem: «Nossa, é porque tem coisas muito ruins!» «Sim, tem. As coisas que você acha

ruins, eu provavelmente também acho!» Agora também já não é possível pagar uma fortuna para virem cinco artistas high top e não haver público então... No Brasil todos os museus são gratuitos para as escolas, dependem de um patrocinador que é um banco ou uma multinacional. Então a instituição vende o público para o patrocinador, o público não tem dinheiro. Tem uma perversidade. É preciso prestar atenção a isso. Se tem havido mudança ou crescimento de participação do público? Não sei. Por exemplo, lá no Brasil há muitos projetos de incentivo à leitura que são ótimos mas há outros que 'só por Deus!!!' Quando você vê na missão que está escrito «fazer com que as pessoas gostem de ler» acabou. Não podemos obrigar as pessoas a gostar de nada! Então, olhando para isso o que é que eu acho? Aprendeu-se a fazer projectos de formação vendáveis. Agora, a formação de público proporcionou algumas coisas como por exemplo: há mais pessoas que podem ir de forma gratuita porque têm transporte ou porque o artista consegue chegar à escola, o livro chega gratuitamente porque o governo compra os livros e distribui. Nós acreditamos na formação, se não não estaríamos fazendo mas acho que ainda estamos numa etapa muito rudimentar que é fazer com que a pessoa saiba que existe, que existem livros, que existe cinema...

and the winner is...



Cándido y los demás

Prémio Compostela para álbums ilustrados

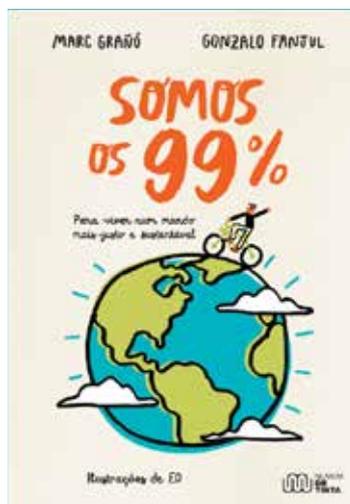
***Cándido y los demás*, com texto de Fran Pintadera e ilustração de Christian Inajara venceu a XI edição do Prémio Internacional Compostela para álbums ilustrados. O júri justificou a distinção pela abordagem temática que valoriza a diferença e a diversidade, pelo estilo directo e pela riqueza gráfica. O prémio resulta de uma parceria entre o Município de Santiago de Compostela e a editora Kalandraka, que publicará o livro em novembro nas cinco línguas oficiais da península ibérica: castelhano, catalão, basco, português e galego.**

espelho meu

ANDREIA BRITES

SOMOS OS 99%

Marc Grañó
Gonzalo Fanjul
ED (ilustrações)
Nuvem de Tinta



A proposta deste livro é claramente informativa e juvenil. Desde logo, no prólogo, o leitor percebe a quem se dirige a voz narrativa quando explica o conceito que orientará todo o texto. A desigualdade não se esgota em definições abstratas e é precisamente isso que os cinco capítulos exploram com mestria e simplicidade. Para cada um uma personagem guia-nos num breve relance do seu quotidiano, nem demasiado negro nem demasiado optimista. Há uma naturalidade nesse dia que nos leva a prestar atenção às pequenas coisas que representam, na prática, essa desigualdade. São cinco jovens, uns que estudam outros que trabalham, uns que vivem com a família, outros deslocados. O que os une é uma bicicleta, própria ou emprestada, que lhes serve de suporte nessa luta por uma sobrevivência mais justa.

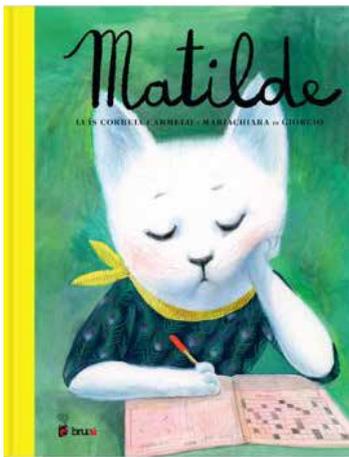
Estes jovens não são ativistas, são cidadãos comuns que reflectem sobre a sua condição num contexto que lhes é desfavorável por questões económicas, sociais, geográficas, de género. Logo a abrir, por exemplo, Edgar, um estudante peruano na Universidade em Barcelona gosta de se juntar com outros amigos para fazer espectáculos de rua com a sua bicicleta. Às dificuldades económicas por que passa junta-se o preconceito do turista europeu que o acusa de lhe ter roubado a carteira. Já Fabian vive em Madrid e vê-se numa encruzilhada de desesperança já que não encontra um emprego que lhe permita fazer face às despesas do curso e assim conseguir melhores habilitações para escapar à pobreza.

Cada capítulo aborda um tipo de desigualdade: económica, educativa, laboral, de recursos naturais, na saúde e, a par do relato que acompanha o protagonista, o narrador acrescenta informações, infografias e estatísticas de organizações internacionais sobre o assunto.

Sem didatismos, trocadilhos desnecessários ou paternalismo o discurso é sempre escoreito e assumidamente implicado, político. O último capítulo é dedicado a valorizar a experiência da leitura do livro e do leitor, propondo-lhe mais informação, com referências de organizações, reflexões colectivas sobre o tema, nomeadamente na escola, e uma intervenção activa que combata a desigualdade, na internet, na consciência alimentar, com práticas de voluntariado. Para o fim, um desafio mais radical: a participação política, do voto à militância partidária, como forma de ir à fonte do problema. Se a desigualdade também é alimentada pelos políticos, estar do lado de dentro pode ajudar a mudar, é o argumento do narrador. A leitura do livro contribui para que, quem o leia, melhor possa combater a maior injustiça à escala planetária: que 99% da sua população seja explorada por 1%.

MATILDE

Luis Correia Carmelo
Mariachiara di Giorgio
Bruaá



O conto não nasceu com este livro. Já tem algum tempo na voz do autor, Luís Carmelo, que o narra acompanhado pelo acordeão. Quem nunca tenha ouvido, basta que encontre o audiolivro *Contatinas*, da Boca. E ali está Matilde, ingenuamente iludida por um galanteador involuntário. Tudo se passa exatamente da mesma forma quer no texto escrito, quer na palavra dita. Tudo muda, porém, da música para a imagem. A cadência melancólica da música e das palavras repetidas em refrão dão ao conto uma ironia triste.

Eis que, neste álbum, Matilde se revela uma gata, elegante e tímida, contrastando com o gato Narciso, elegante e confiante. O nome do personagem diz tudo e o castigo chegará como em *Metamorfoses* de Ovídio. Mas sem sentido trágico. Apenas incompreensível e risível, como todo o episódio. Há na escolha das perspetivas quase sempre frontais e nas formas delicadas e detalhadas das figuras um efeito de ingenuidade que torna tudo mais leve. Dar ao leitor a hipótese de ver, alternadamente, as duas personagens e o seu comportamento coloca-o numa posição privilegiada porque sabe o que ambos desconhecem. Esse dado permite-lhe antecipar o desenrolar dos acontecimentos e perante os factos aceder ao humor que frutifica do mal entendido. O clímax chega com uma perspectiva mais ampla do movimento e do contexto da loja e do prédio na rua da

vila. Nos elementos desenhados, do lenço que Matilde tem ao pescoço ao chapéu que Narciso ostenta diariamente, das janelas aos candeeiros há um leve eco de passado, corroborado pelo interior glamouroso da boutique Esmeralda onde Matilde trabalhava e cuja montra servia de espelho a Narciso. Luvas, chapéus, golas de renda, expositores de vestidos e malas de senhora reforçam a importância da beleza e da elegância no conto. A ilustração conjuga sombras e luz e apenas na representação do sonho de Matilde foge ao diálogo enganador entre os olhares da gata e do gato. Apesar da inevitável desilusão de Matilde e Narciso o final não se apresenta triste. Pelo contrário, o jogo de enganos leva a narrativa para o território do humor e da ironia.



S A R A M

A G U I A

N A U M A

P E S S O A

D A F A M Í

L I A

Em 1986, a extinta revista brasileira *Status* publicou um texto de José Saramago sobre a relação de Portugal com a literatura brasileira e vice-versa. Naquela altura o escritor

mantinha na mencionada publicação uma coluna intitulada *Notas do Ultramar*. Em 1998, dias após José Saramago ser proclamado Prémio Nobel de Literatura, a também brasileira revista *Bravo!* recuperou a citada crónica e publicou-a. Agora, 20 anos após essa segunda vida do texto cujo título é «Uma pessoa da família», chegou a vez da *Blimunda* divulgá-lo.



Dizia-me aquele português

em São Paulo, ou, por maior rigor, de São Paulo, pois aí vive e trabalha e daí não pensar retirar-se, dizia-me ele sorrindo com a amizade que guarda e a ironia que ao acaso lhe parecia adequada. “Sabe você como já chama os brasileiro a Fernando Pessoa?”. Levantei um sobrolho perplexo e inquisitivo, esperei o fim da pausa retórica que, pelos vistos, o meu amigo queria prolongar, enfim acedi a entrar no jogo: “Chamam-lhe Fernando Pessoa, suponho”. O tom provocador que eu dera à resposta não lhe apagou o sorriso, e as palavras seguintes vieram tocadas por um certo ar de comiseração que ainda mais aafiava a ironia: “Chamam-lhe grande poeta da língua portuguesa, pois então”. Compreendi onde ele queria chegar: “Não dizem grande poeta português?” E ele, empurrando a faquinha: “Cada vez se vai dizendo menos”.

Confesso que não gostei. O meu patriotismo literário ofendia-se com a ligeireza, a sem-cerimônia dos irmão brasis, ou primos, que, não pensando, obviamente, em discutir ou ignorar a grandeza do poeta, decidem escamotear-lhe a nacionalidade, tomando como fundamental, quem sabe, a própria sentença de Pessoa: “A minha pátria é a língua portuguesa”. Disse ao amigo que a atitude configurava forte abuso, que realmente o Brasil sofria de vertigem imperial e que, por esse andar, acabariam por levar-nos o próprio Luís de Camões, ou o Eça de Queiroz, e a Deus, graças por dos mais escritores portugueses conhecerem tão pouco. Exprimi um mau humor nacionalista porventura louvável, mas, logo o percebi, culturalmente pueril.

As coisas são o que

são, serem-no é a sua irrefragável força, e a nós

cabe-nos tentar compreendê-las, ajeitá-las, se possível, à oportunidade e ao interesse da ocasião, mas respeitando-as sempre, evitando sobretudo cair na tentação da avestruz, o que, na circunstância, seria fingir que as coisas, afinal, são outra coisa. Não estou a brincar com as palavras, pelo menos não mais do que o gosto de ordená-las ao longo de um pensamento para tentar exprimi-lo com a maior clareza possível. Se os brasileiros chamam a Fernando Pessoa de grande poeta da língua portuguesa é porque o admiram e respeitam, porque o desejariam seu. Bom proveito, então, lhes faça tanto mais que Fernando Pessoa é bastante grande para satisfazer dois países e povos, e ainda sobejar Pessoa. também eu desejaria que Manuel Bandeira fosse meu como igualmente desejaria que o fosse Antonio Machado, nascido aqui ao lado, em Espanha, e esse, provavelmente, é o único caso em que uma coisa dividida se tornará tanto maior quanto mais dividida estiver. Tomem pois os brasileiros, para si, a Fernando Pessoa, que não ficaremos mais pobres por isso. Pelo contrário. A cultura a que Fernando Pessoa pertence é a cultura da fala e da escrita portuguesa, aquela pátria única que ele, em palavras brevíssimas e lapidares, como convinha, definiu de uma vez para sempre.

Mas seria mais útil que nos entendêssemos quanto ao resto. Essa cultura de que a língua portuguesa é o veículo e o instrumento não principiou no dia 7 de setembro de 1822, quando a independência do Brasil foi proclamada. Para trás não ficavam o caos, o tempo das trevas, a brutalidade da ignorância. Para trás ficava, sim, um formigueiro cultural com quase 700 anos de trabalho miúdo e algumas grandes empresas. Usando a metáfora mais luminosa, de ar livre e céu aberto, a parte visível da cultura que diremos brasileira emerge e assenta, como parte visível de um iceberg, sobre a massa profunda da história e da cultura portuguesa.

A cultura brasileira tem

uma pré-história, e essa, dêem-lhe as voltas que entenderem é, e não pode deixar de ser, a cultura portuguesa. Levem-nos o Fernando Pessoa, mas não julguem que levam tudo com ele. Compete aos brasileiros, claro está, responder se proclamaram o nascimento de sua cultura na mesma data em que proclamaram a independência nacional, ou se reconhecem como também seu aquele remoto ano em que uma palavra se descobriu portuguesa, para, sendo história, começar a ser cultura.

Tranquilizai-vos, porém. Cuido saber dos fatos da vida o suficiente para não ceder à ingenuidade, senão à estupidez, de considerar as culturas brasileira e portuguesa como meramente e mutuamente complementares de um só corpo cultural, o que, por caminho tão vicioso, equivaleria a querer meter num saco de conflitos todas as culturas de língua portuguesa, a pretexto de uma história em parte comum, ainda que sombria e sangrenta, como tantas vezes o foi. Sou pouco de impérios, velhos ou novos. O Brasil e Portugal vão, cada um por seu pé, aonde tiverem de ir, chegarão onde puderem chegar, felizes ou apenas resignados. E não creio que, nas horas más, um possa ajudar o outro: hoje ninguém ajuda ninguém. Mas somos gente de uma imensa família, de uma mesma língua, de uma cultura que é, embora diferentemente, mesma. Se os brasileiros se recusam a aceitar essa evidência, se o dia 6 de setembro de 1822 é, para eles, anterior à criação do mundo, então façam o favor de nos devolver Fernando Pessoas.

UM EURO.

**Casa Fernando Pessoa
Fundação José Saramago**

**Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada. O desconto
tem a validade de 10 dias.**

10
ANOS
YEARS
AÑOS



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
Tel. +351 218 802 040
josesaramago.org



Casa
Fernando
Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
Tel. +351 213 913 270
casafernandopessoa.pt

 LISBOA **EGEAC**

Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com





agosto

ANA CAROLINA FERNANDES

ATÉ 1 SET Beijo

Exposição que reúne trabalhos de vários fotógrafos brasileiros, desafiados a recriarem a tela homónima de Gustave Klimt. Rio de Janeiro, Galeria Oriente.



ATÉ 9 SET Ana Hatherly - O Prodígio da Experiência

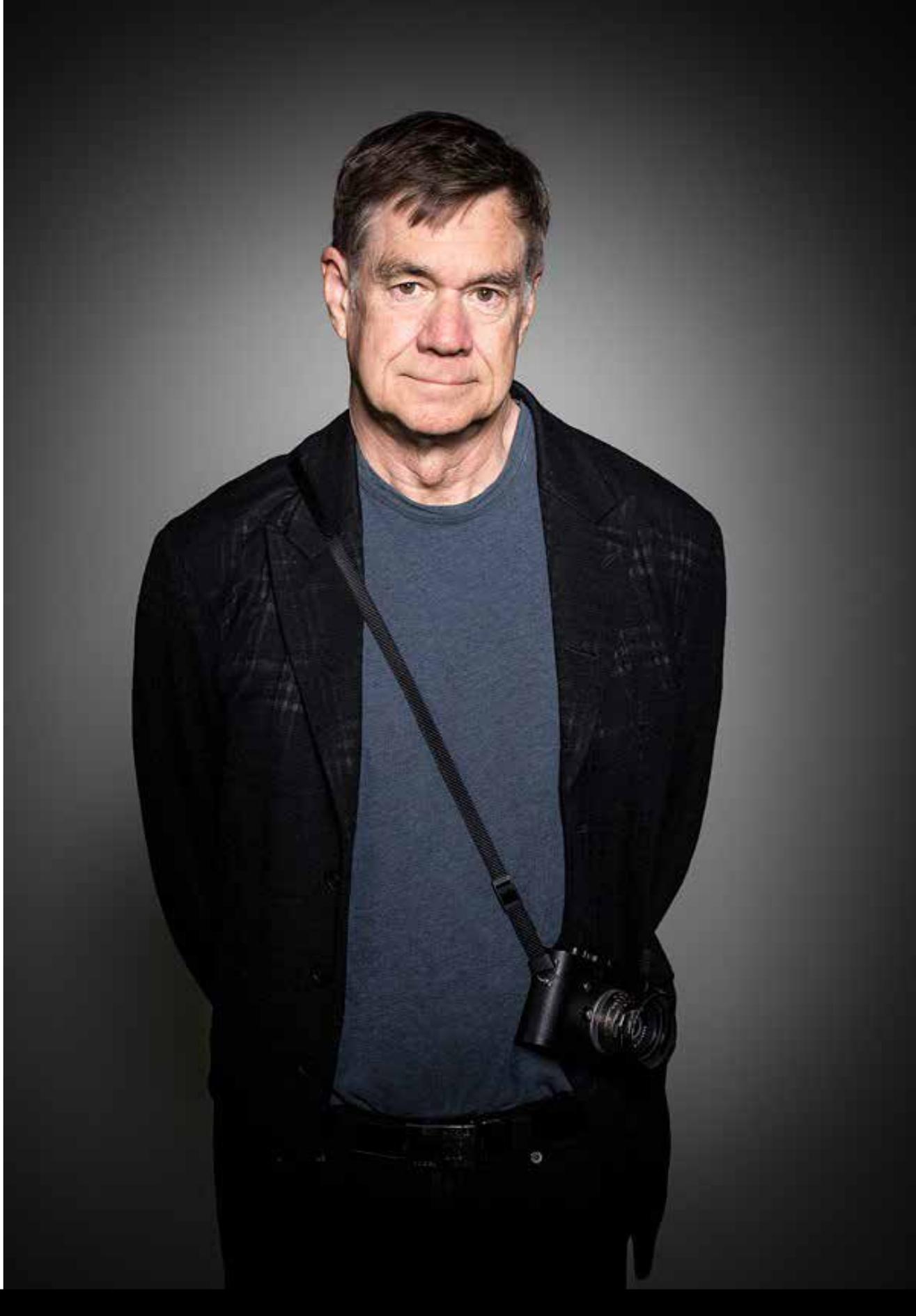
Um olhar abrangente sobre a obra visual da autora, salientando o percurso experimental e multidisciplinar de uma das mais notáveis e singulares artistas portuguesas. Almada, Casa da Cerca.



ATÉ 16 SET Gus Van Sant

Retrospectiva dedicada aos filmes do realizador norte-americano, mas igualmente aos seus processos criativos, tantas vezes apoiados noutras linguagens e formas de expressão artística. Madrid, La Casa Encendida.





ATÉ 21 OUT Saul Leiter: In Search of Beauty

Retrospectiva da obra do fotógrafo norte-americano, um dos pioneiros da fotografia a cores. Barcelona, Foto Colectania. [→](#)

ATÉ 28 OUT Explícita - arte proibida?

Exposição que reúne obras habitualmente guardadas nas reservas do museu, cujo conteúdo se centra na nudez e no erotismo. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga. →



ATÉ 6 JAN Anish Kapoor: Obras, Pensamentos, Experiências

Conjunto de trabalhos de exterior representativos da linguagem escultórica do artista, onde a escala, a materialidade e a envolvimento são fundamentais. Porto, Museu de Serralves. →

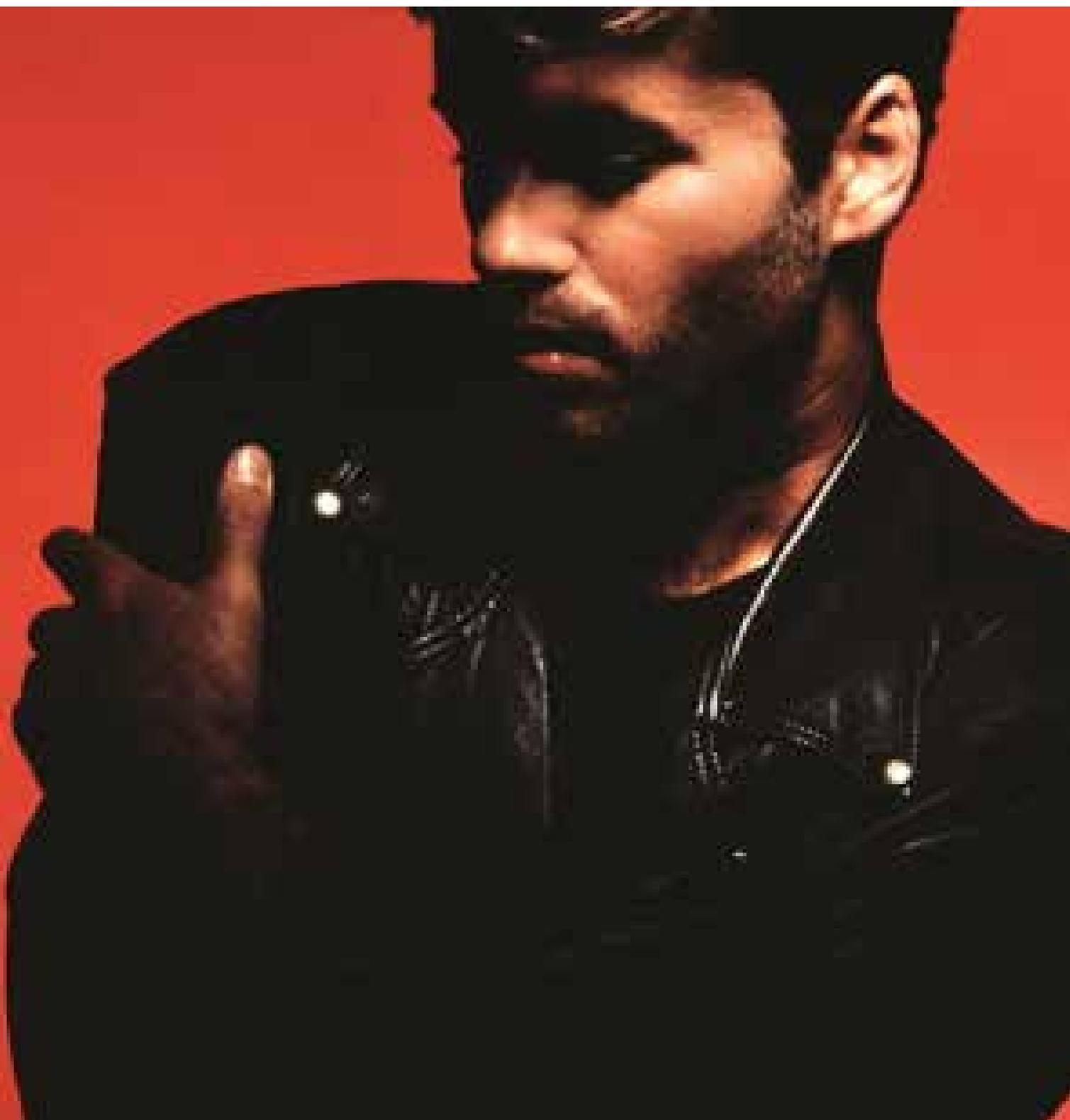
31 AGO Give It a Spin

Uma bailarina e um DJ em diálogo, na nova proposta cénico-musical do grupo Pisando Ovos. Santiago de Compostela, Praza da Quintana. →

14 A 22 SET Queer Lisboa

22.ª edição do festival nacional de cinema dedicado a exhibir filmes onde as temáticas LGBTI são o traço comum. Lisboa, Cinemateca e S. Jorge. →

GEORGE MICHAEL: FREEDOM - DIRECTOR'S CUT



Pergunto a mim mesmo como se atrevem os escritores, os poetas a escrever cada um centenas ou milhares de páginas, e todos juntos milhões de milhões, quando uma simples definição dicionarística ou duas dariam, se bem pensadas, para encher essas centenas ou milhares ou milhões de milhões de páginas. Penso hoje que os escritores têm andado com demasiada pressa: problematizam micrometricamente sentimentos sem antes terem dado uma simples volta de dicionário às palavras

Manual de Pintura e Caligrafia

José Saramago